



Amizades de brasileiros residindo no exterior: adaptação e percepção do país estrangeiro

Friendships of Brazilians living abroad: Adaptation and perception of the foreign country

Aginaldo Garcia^[a], Cloves Bitencourt Neto^[b], Dominique Costa Góes^[c]

^[a] Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo e professor da Universidade Federal do Espírito Santo, Bolsista de Produtividade CNPq, Vitória, ES – Brasil, e-mail: aginaldo.garcia@uol.com.br

^[b] Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES – Brasil, e-mail: cloves.bitencourt@gmail.com

^[c] Mestranda em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES – Brasil, e-mail: dominiquegoes@yahoo.com.br

Recebido: 24/05/2012
Received: 05/24/2012

Aprovado: 16/10/2012
Approved: 10/16/2012

Resumo

Segundo o Ministério das Relações Exteriores do Brasil, mais de três milhões de brasileiros viviam no exterior em 2010. Contudo, ainda são escassas as informações sobre a vida social dessas pessoas, incluindo suas amizades. A literatura tem indicado a presença dos amigos no processo de migração de brasileiros, mas pouco se sabe sobre o papel dos amigos na vida do emigrante. A presente pesquisa teve como objetivo a investigação das amizades de brasileiros residindo na Ásia, Europa e América do Norte. Sessenta brasileiros residindo no exterior há pelo menos seis meses responderam a um questionário sobre suas relações de amizade, contendo questões abertas e fechadas. Os dados foram analisados de forma qualitativa por análise temática de conteúdo. Os resultados obtidos indicam diferentes formas de participação de amigos na adaptação ao país estrangeiro e sua relevância para a percepção do país pelo participante. Quanto à adaptação ao país, os amigos exercem um papel direto, ao servir como guia e agente socializador, e um papel indireto, fornecendo apoio social e companheirismo. Os dados sugerem que as amizades de brasileiros no exterior representem um fator importante de adaptação e socialização em um país diferente. Os dados são discutidos à luz dos trabalhos sobre migração e amizade e do referencial teórico empregado.

Palavras-chave: Relações interpessoais. Amizade. Migração humana.

Abstract

According to the Ministry of Foreign Affairs of Brazil, more than three million Brazilians were living abroad in 2010. However, there is still little information about their social lives, including their friendships. The literature has shown the presence of friends in the process of migration of Brazilians, but little is known about the role of friends in the life of the emigrant. This study aimed to investigate the friendships of Brazilians living in Asia, Europe and North America. Sixty Brazilians living abroad for at least six months answered a questionnaire about their friendship, containing open and closed questions. Data were analyzed qualitatively by thematic content analysis. The results indicate different forms of participation of friends in adapting the immigrant to a foreign country and its relevance to the perception of the country by the participant. In the adaptation to another country, friends play a direct role by serving as a guide and a socializing

agent, and an indirect role by providing social support and companionship. The data suggest that the friendships of Brazilians abroad represent an important factor of adaptation and socialization in a different country. The data are discussed in light of works on migration and friendship and the theoretical framework employed.

Keywords: *Interpersonal relations. Friendship. Human migration.*

Introdução

Segundo o Ministério das Relações Exteriores (2011) havia 3.122.813 brasileiros vivendo no exterior no ano de 2010, apesar do Censo 2010 indicar uma população bastante inferior, da ordem de 491.645 pessoas (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2011), possivelmente devido a restrições na metodologia adotada. Considerando a estimativa do Ministério das Relações Exteriores, mais de 3.000.000 de brasileiros vivem no exterior, contudo, pouco se sabe sobre suas condições de vida em geral ou, especificamente, sobre suas amizades e como estas afetam sua vida em outro país.

A amizade tem sido citada como fator relevante para a migração de brasileiros por diversos autores. Fazito e Rios-Neto (2008) incluíram os amigos no país de destino e no Brasil no sistema de migração internacional de brasileiros para os EUA, ocupando um espaço importante ao lado da rede familiar. Lisboa (2007) também incluiu amigos no exterior como motivadores da migração de mulheres brasileiras para a Europa. Soares (2002) indicou a tendência do emigrante de seguir os mesmos caminhos de parentes e amigos antes dele, os quais serviriam de apoio à sua movimentação espacial. Fusco (2009) indicou que a maior parte dos indivíduos que migram para os Estados Unidos pertence a determinados grupos familiares ou de amigos. Segundo Siqueira, Assis e Campos (2010), os emigrantes brasileiros utilizam-se das redes sociais para minimizar os riscos da emigração ligada à migração, especialmente parentes, amigos e conterrâneos. Apesar da participação de amigos no processo de emigração de brasileiros, pouco se sabe sobre a participação de amigos na vida de brasileiros no exterior.

A relação entre amizades e o processo de migração internacional é pouco investigada. Entre outros, Kugele (2006) analisou efeitos da mobilidade social nas amizades de jovens adultos nômades, indicando

o papel dos amigos na inserção social desses jovens. Haug (2003) considerou amizades interétnicas como um indicador de integração social entre jovens imigrantes italianos e turcos na Alemanha. Tsai (2006) apontou a tendência de jovens imigrantes de Taiwan em fazer amizades com conterrâneos ao migrar para os Estados Unidos.

Em pesquisa com estudantes universitários no exterior (asiáticos nos EUA), Kashima e Loh (2006) observaram que aqueles estudantes que tinham mais laços sociais se ajustavam melhor ao seu novo ambiente e aqueles que recebiam apoio social de outros estudantes internacionais eram os que melhor se adaptavam psicologicamente. Além disso, estudantes internacionais com muitos laços sociais locais apresentavam melhor conhecimento da cultura local do que aqueles com poucas conexões.

Um tema de investigação mais comum são as amizades interétnicas ou inter-raciais. Como exemplos de tais pesquisas, alguns estudos têm indicado a identificação racial e étnica como um fator nas escolhas de amigos (Fong & Isajiw, 2000; Kao & Vaquera, 2006) enquanto outros têm indicado as dificuldades para a formação de amizades entre pessoas de diferentes grupos étnicos (Vorauer & Sakamoto, 2006). Por outro lado, a existência de amizades entre representantes de diferentes grupos étnicos resulta em redução do preconceito entre os grupos (Aberson, Shoemaker & Tomolillo, 2004). Tais amizades também contribuem para a compreensão de atitudes multiculturais, de cuidado e simpatia por pessoas de outras etnias (Verkuyten & Martinovic, 2006) e estão associadas à sensibilidade multicultural e competência social (Hunter & Elias, 1999). Estes estudos não correspondem exatamente ao estudo das amizades à luz do fenômeno da imigração, pois têm como foco as amizades entre grupos diferentes já residentes no país, geralmente sem referência ao processo migratório. Também se deve observar que as amizades de imigrantes não se restringem, necessariamente, a laços com pessoas

de outra nação ou etnia, também sendo possíveis laços com pessoas de sua própria nacionalidade.

Adaptação, no presente artigo, se referem ao processo de ajustamento às condições ambientais existentes (Castro, 2003) e ambos os termos, adaptação e ajustamento, são usados como sinônimos. Segundo Ward, Bochner e Furman (2001) há duas formas de adaptação intercultural: a adaptação sociocultural, baseada na abordagem de aprendizagem da cultura e reflete a habilidade de entrar em interação construtiva com uma cultura diferente; e a adaptação psicológica, que promove a sensação de bem-estar do indivíduo, avaliação positiva de situações e a satisfação geral com a vida. Os componentes psicológicos e socioculturais da adaptação têm sido investigados dentro do arcabouço da teoria da aculturação (Ward et al. 2001). No contexto de imigração, a aculturação tem sido compreendida como uma combinação de mudanças culturais resultantes do contato de imigrantes com a população local (Berry, Poortinga, Segall & Dasen, 2002).

Segundo Berry (2001), o processo de aculturação indica o quanto a cultura de origem se mantém e quanto da cultura do país hospedeiro é adotada. Com base nestas possibilidades, quatro diferentes estratégias de aculturação são reconhecidas: separação, assimilação, integração e marginalização. A separação envolve manter a cultura de origem e rejeitar a cultura local. A assimilação deixa para trás a herança cultural ou étnica e a substitui por uma nova identidade cultural. A integração preserva a herança cultural do imigrante ao mesmo tempo em que adquire algumas características da cultura hospedeira. A marginalização refere-se à rejeição de ambas as culturas (Berry et al. 2002).

Esta pesquisa tem como referencial teórico a obra de Hinde (1997) sobre relacionamento interpessoal. Hinde, referindo-se ao relacionamento interpessoal, destaca a importância dada aos aspectos descritivos e a consideração de diferentes níveis de complexidade incluindo processos intraindividuais, interações, relacionamentos, grupos e sociedade, além de estruturas socioculturais e o ambiente físico, que afetariam e seriam afetados uns pelos outros de forma dialética. O autor também inclui aspectos cognitivos, afetivos e comportamentais como elementos do relacionamento a ser investigados.

O objetivo desta pesquisa foi investigar as relações de amizade de brasileiros residindo no exterior com brasileiros ou pessoas de outras nacionalidades.

Os objetivos específicos foram investigar a participação dos amigos na adaptação a um país estrangeiro por brasileiros vivendo no exterior, assim como a percepção deste país, procurando ampliar o conhecimento disponível sobre a participação de amigos na vida de brasileiros vivendo nessas condições. Com base no modelo apresentado por Hinde (1997) são propostos alguns elementos a ser considerados em modelos de amizades relacionadas ao processo de migração internacional.

Método

Participaram da pesquisa sessenta brasileiros residindo no exterior há pelo menos seis meses. Vinte participantes residiam na Ásia, com idades entre 22 e 56 anos, sendo 11 mulheres e nove homens, 12 casados e oito solteiros, residentes na China (10), Japão (4), Indonésia, Timor Leste, Malásia, Tailândia, Índia e Emirados Árabes. Vinte residiam na Europa, com idades entre 17 e 52 anos, sendo 15 mulheres e cinco homens, 10 solteiros e 10 casados, residentes na França (4), Inglaterra (2), Hungria, Itália (4), Espanha (4), Portugal, Áustria (2), Dinamarca e Alemanha. Vinte residiam na América do Norte, com idades entre 17 e 48 anos, sendo 11 mulheres e nove homens, 10 casados e 10 solteiros, residindo nos EUA (16), México (3) e Canadá (1).

Os participantes foram identificados a partir de indicações de amigos ou parentes de brasileiros residindo no exterior e a partir de comunidades de brasileiros no exterior. Os possíveis participantes foram contatados via Internet (*e-mail*) e foram convidados a responder um questionário com questões fechadas e abertas sobre suas relações de amizade no exterior (com estrangeiros e/ou brasileiros), assim como preencher um termo de consentimento informado para participação na pesquisa. Um questionário com questões abertas e fechadas foi especialmente desenvolvido para a realização da presente pesquisa.

Os dados que serviram de base para o presente artigo são respostas a questões abertas, as quais foram tratadas de forma qualitativa, por análise temática de conteúdo (Bardin, 1977; Flick, 2009; Franco, 2008). O material obtido foi organizado em categorias pré-estabelecidas, sendo propostas subcategorias temáticas emergentes a partir da análise dos dados, visando apresentar um quadro geral

e descritivo das amizades de brasileiros no exterior, particularmente na Europa, Ásia e América do Norte. Os dados foram discutidos à luz da literatura sobre o tema.

Resultados

Os pontos investigados foram o papel dos amigos na adaptação ao país estrangeiro e como esses amigos afetaram a percepção ou a avaliação do país, ambos de acordo com a visão dos participantes.

O papel dos amigos na adaptação ao país

Nos três continentes, vários participantes relataram a participação de amigos na adaptação ao país em que viviam. Essa participação podia ser exercida de forma direta ou indireta. A forma direta deu-se quando o amigo atuava como um “guia” em relação ao novo ambiente ou como agente socializador. Por outro lado, os amigos podiam atuar de forma indireta ao proporcionar apoio social e companheirismo.

O amigo como guia e agente socializador

O papel dos amigos na adaptação ao país de forma direta deu-se quando o amigo atuava como um “guia” em relação ao novo ambiente, dando instruções sobre como se comportar no país, explicando o funcionamento da sociedade, a cultura, os costumes, leis e regras do país, a forma de ser das pessoas, ajudando na aprendizagem do idioma (e das gírias), ajudando a encontrar as coisas que precisava, mostrando lugares. Assim, os amigos contribuíram para a aprendizagem de novos hábitos e princípios e a compreender melhor a cultura do país.

Na Ásia, houve casos em que o amigo dava esse apoio mesmo que também fosse novo no país, agindo como se estivesse aprendendo junto com o participante. Assim, os amigos contribuíram para a aprendizagem de novos hábitos e a compreender melhor a cultura do país. Vários reconheceram a importância do amigo como um guia (para o aprendizado e para novas experiências). Amanda, Glauco e Sandro (nomes fictícios) salientaram a ajuda do amigo devido à fluência no idioma local. Breno pontuou as orientações comportamentais e a explicação sobre a cultura do país, como os níveis de respeito a pessoas mais velhas ou com cargos altos em

empresas. Helen e Sandro disseram que seu amigo já residia no país e lhe deu muitas dicas. Segundo Lineu, seu amigo o ajudou a encontrar um lugar para morar. Mateus enfatizou o apoio do amigo para conseguir um trabalho no país. Em alguns casos, o amigo também estrangeiro, compartilhava da condição de estranho no país, das dificuldades de entender a cultura diferente e, por isso, poderia conduzir o participante nesse processo de adaptação, de compreensão da nova cultura. Elisa enfatizou que a amizade com outros estrangeiros no país permitia que estes compreendessem melhor os momentos difíceis de adaptação ao país vividos por ela. Conforme Cloves, seu amigo estrangeiro também não conhecia o local e que buscaram juntos se adaptar ao país. O amigo de Glauco o ajudou por meio do conhecimento que tinha sobre a cultura e o idioma local. Um dos amigos de Ricardo o ajudou com dicas, pois já morava há mais tempo no local.

Na Europa, vários participantes reconheceram a importância do amigo como um guia para o aprendizado e para novas experiências. Gabriela salientou a ajuda do amigo no entendimento da cultura e a orientação nas coisas mais básicas. Vicente enfatizou a ajuda para encontrar um trabalho. Bárbara pontuou as orientações comportamentais e a explicação sobre a cultura e as leis do país. Sebastião apontou que o amigo o ensinava expressões idiomáticas e corrigia os erros concernentes à língua. Vicente e Inês reconheceram que por meio do amigo conheceram melhor a cultura do país. Em alguns casos, o amigo, também estrangeiro, compartilhava da condição de estranho no país, das dificuldades de entender a cultura diferente e, por isso, podia conduzir o participante nesse processo de adaptação, de compreensão da nova cultura. Para Antônio, o compartilhar de dificuldades e choques culturais foi motivo para tornarem-se grandes amigos. Para Benedito, o fato de compartilharem a condição de estrangeiros tornou-os solidários nos momentos difíceis. Rita afirmou que o amigo passou pelas mesmas dificuldades para compreender a cultura estranha. Graça entendeu melhor a situação que passava ao entrar em contato com experiências similares à sua.

Na América do Norte, vários participantes reconheceram o papel de guia desempenhado pelos amigos. Talita reconheceu o papel dos amigos no treinamento quanto a hábitos e costumes, aprendendo que independentemente do país,

encontra-se amizade, alegria, tristeza, sacrifício e pobreza. Ana aprendeu muito com todas as críticas e coisas boas apontadas por amigos em relação ao país hospedeiro, que a ajudaram a entender melhor a cultura americana. Maurício reconheceu o papel do amigo de ensinar a cultura e os costumes mexicanos, contribuindo muito para sua adaptação ao país. Com os amigos, Lúcio pôde aprender mais da história do país. Para Nádia, os amigos mostraram lugares e pessoas diferentes, sempre de forma positiva e divertida. Heloisa e as amigas descobriram muitas coisas juntas. Segundo Daniela, quase todas as suas percepções (positivas ou negativas) sobre a cultura eram confirmadas ou não pelo amigo, incluindo como se comportava, pensava e expressava para depois estender-se aos outros e compreender a cultura de maneira mais ampla e precisa. Para Cecília, o fato de o amigo ser americano ajudou bastante com as gírias e costumes do país. Em outros casos, o amigo ajudou a entender melhor a cultura americana.

Nos três continentes, outra participação direta dos amigos deu-se na socialização do participante, que era apresentado ao círculo social do amigo. Na Europa, segundo Micaela, o amigo a ajudou a ser mais sociável. Graça afirmou que o amigo a apresentou para outros amigos franceses menos preconceituosos com os imigrantes. Francisca afirmou que o amigo a fez sair do “gueto brasileiro” para se relacionar com outras pessoas.

Apoio Social Emocional e Companheirismo

O papel dos amigos na adaptação ao país de forma indireta deu-se basicamente por meio de apoio social emocional e companheirismo. Na Ásia, os amigos prestaram diferentes formas de apoio, incluindo o apoio emocional. Para Denise, seus amigos a ajudaram a enfrentar seus medos e quebrar barreiras. Fabrício disse que seus amigos brasileiros o fizeram sentir mais forte; uma das amigas lhe deu um caderno com fotos e mensagens para ler quando estivesse com saudades do Brasil. Helen disse que ela e um amigo se apoiavam mutuamente por estarem na mesma situação, isto é, serem estrangeiros no país. Glauco enfatiza a segurança que seu amigo lhe passou e que hoje não se sente mais só.

Na Europa, Lourdes afirmou que o amigo a ajudou a não se sentir sozinha. José afirmou ter sentido segurança. Para Antônio, o amigo foi tão imprescindível que sem sua ajuda teria voltado para

o Brasil. Benedito e Mônica enfatizaram a acolhida, o calor humano e a receptividade por parte do amigo. Gabriela e Antônio indicaram que o amigo foi um ponto de apoio. Para Bárbara, o amigo ajudou a aceitar a distância do país e dos familiares. Segundo Francisca, o amigo dá a sensação de ter um pedaço do Brasil. Outra forma de apoio foi possibilitar distração, diversão. Para Aparecida, o amigo era a companhia do almoço e para Ângela, descontração no trabalho. Em um caso, o amigo compartilhava pensamentos semelhantes aos da participante (Graça). Em outro, o amigo compartilhava críticas sobre o país e seus habitantes (Francisca).

Na América do Norte, os amigos prestaram diferentes formas de apoio, incluindo o apoio emocional, por exemplo, para seguir em frente nas adversidades, para ver um futuro melhor, para superar as saudades do Brasil ou possibilitando diversão ou distração. Em suma, os participantes indicaram que o companheirismo e o apoio social emocional contribuíram para sua adaptação a um novo país.

O papel dos amigos na percepção ou avaliação do país

Outro ponto investigado foi como os brasileiros no exterior percebiam a participação dos amigos em relação à forma como percebiam ou avaliavam o país em que viviam como estrangeiros, no sentido de passar a ter uma perspectiva mais positiva ou negativa do país.

Na Ásia, vários reconheceram a influência de amigos na forma como percebiam ou avaliavam o país. Apenas em uma amizade houve uma influência negativa na percepção do país, por meio de conversas sobre os defeitos do país. Em outras ocasiões, a influência dos amigos foi no sentido de perceberem o país de forma mais positiva. Os amigos contribuíram para que o país fosse percebido mais positivamente de várias formas. Alguns fizeram os participantes apreciar mais o país: para Paula o amigo ajudou a ver que as pessoas do local tinham defeitos, mas também qualidades. Quênia disse que seu amigo era alguém que vivia bem no país apesar das coisas desagradáveis do local, como o calor, ajudando-a a lidar melhor com esses incômodos. Para Ricardo, um amigo lhe mostrou o lado positivo do local. Para Úrsula, o amigo mostrou que aquele era um local onde tudo era possível para quem se esforçasse e acreditasse. Para Nicolas, as conversas com seus amigos brasileiros permitiram entender melhor o país e tornando-se mais receptivo a ele.

Na Europa, vários reconheceram a influência de amigos na percepção do país em que viviam, especialmente no sentido de perceberem o país, incluindo seus habitantes, de forma mais positiva (ou menos negativa). Alguns participantes fizeram referência ao papel do amigo, passando a apreciar mais o país: para José, a Itália ficou mais bonita; segundo Benedito, o amigo fez com que visse a Itália como um país acolhedor; Inês conheceu melhor a cultura de Veneza e passou a apreciar mais a vida na Itália. Outro amigo de Lourdes ajudou-a a reforçar a ideia de os húngaros, em se tratando de relacionamento afetivo, são indecisos e sem iniciativa, mas apesar disso podem ser bem humorados e uma boa companhia.

Na América do Norte, vários participantes também reconheceram a influência dos amigos na percepção do país, especialmente no sentido de perceberem o país de forma mais positiva, ou menos negativa. Alguns participantes se referiram ao papel dos amigos fazendo-os apreciar mais o que o país oferecia. Em outro caso, o amigo foi reconhecido como alguém que o ensinou a amar o país, mostrando a cultura, a culinária, as festas, e que o México era um país de pessoas sérias e legais. Outro destacou o papel da amiga ao ajudá-la a entender que os EUA era um país de oportunidades, tranquilo para um imigrante morar. Para Tatiana, o fato de a amiga gostar muito dos EUA a influenciou positivamente em relação ao país. Em outro caso, o amigo mostrou um Canadá mais *light*, liberal, que não era só trabalho, que os canadenses também podiam ser amigos e leais, ajudando-o a se adaptar ao Canadá. Outra participante achava muito difícil aproximar-se de americanos, mas a amiga provou ser possível o mesmo tipo de intimidade que se têm entre brasileiros, ensinando-a ser possível adaptar-se e sentir-se feliz no país. Outra amiga mostrou que morar nos EUA era uma oportunidade melhor, aconselhando que fosse grata pelo privilégio de morar nesse país. Outro apontou uma redução da percepção negativa do país, de modo que o amigo o fez tolerar os defeitos que via nos norte-americanos.

Discussão

Os dados indicam a participação de amigos na adaptação e na percepção ou avaliação de outro país entre brasileiros vivendo no exterior. A partir dos dados pode-se inferir dois papéis principais

desempenhados pelos amigos na adaptação ao país: (a) o amigo atua como guia em relação ao novo ambiente, do ponto de vista prático e quanto à sua cultura e sociedade; (b) o amigo ainda atua como agente socializador; ao apresentar o participante a seu círculo social. De forma indireta, os amigos fornecem apoio emocional ou possibilitam diversão ou distração, como uma forma de companheirismo, o que foi visto como uma contribuição para a adaptação ao país.

Foi possível identificar em vários momentos o papel positivo dos amigos em relação à percepção do país no qual os participantes viviam, desde suas características físicas e culturais, até em relação a seu povo. Vários reconheceram a influência direta na percepção do país no sentido de perceberem o país de forma mais positiva.

Em suma, os participantes reconheceram os amigos como um fator importante na adaptação dos brasileiros residindo no exterior, afetando, inclusive, a percepção ou avaliação do país em questão positivamente, inclusive de seus habitantes. Neste sentido, os dados estão de acordo com a literatura, que tem indicado que amizades também influenciam a compreensão de atitudes multiculturais (Verkuyten & Martinovic, 2006), a sensibilidade multicultural e a competência social (Hunter & Elias, 1999).

Com observado por Kashima e Loh (2006), em relação a estudantes universitários no exterior, laços sociais (no caso, amigos) estavam relacionados ao ajuste a um novo ambiente, incluindo adaptação psicológica e sociocultural. Do ponto de vista de adaptação intercultural, pode-se observar que as duas formas de adaptação intercultural propostas por Ward et al. (2001) ocorrem. A adaptação sociocultural está presente uma vez que os amigos aumentam a habilidade dos imigrantes para interagir com uma cultura diferente. Por outro lado, também ocorre adaptação psicológica, com os amigos contribuindo para o bem-estar do indivíduo e avaliação positiva de situações. Mas os amigos não se limitam a contribuir para tal forma de adaptação ou para a aculturação do imigrante. Amigos não são apenas pontes para uma nova cultura, mas representam também o contato com a própria cultura e a sociedade de origem, assim como o contato com representantes de outras culturas em uma sociedade multicultural.

Hinde (1997) propõe a consideração de estruturas socioculturais e do meio-ambiente físico em

relação dialética com grupos, sociedade, relacionamentos e interações. Os dados obtidos ao longo de uma série de estudos indicam não ser interessante separar, nos estudos envolvendo amizade e cultura, meio-ambiente físico e estruturas socioculturais. No presente trabalho propõe-se tratar simultaneamente de ambos como ambiente sociocultural, o que também se aproxima da natureza dos dados. Com base no modelo proposto por Hinde, amigos não são apenas pessoas que interagem e se relacionam entre si. No caso do presente estudo, o amigo também parece representar um elo de mediação com o ambiente sociocultural (incluindo o local de habitação e suas características físicas ou geográficas e a sociedade, sua cultura e organização), com outras pessoas e grupos dentro desse ambiente, como outros brasileiros e outros estrangeiros. A mediação, por parte dos amigos, em relação ao país em que vivem e seu povo (ambiente sociocultural), afetuamente positivamente a adaptação e a percepção do país em questão. Assim, pode-se expandir o modelo proposto por Hinde, inferindo-se que relações dialéticas não se dão somente entre o relacionamento como um todo e outros níveis considerados, mas cada participante de uma relação, no caso de amizade, serve de elo de mediação com os níveis considerados.

Considerações finais

Em suma, os dados obtidos indicam uma ampla e diversificada participação dos amigos nas relações entre o brasileiro residente no exterior e o país estrangeiro, afetando sua adaptação e a percepção que tem do país. Assim, todas as atividades que promovem as amizades entre brasileiros com outros brasileiros, outros estrangeiros ou nativos podem, potencialmente, contribuir para a qualidade de vida de brasileiros no exterior e não apenas para sua aculturação, tendo em vista o desenvolvimento de uma sociedade internacional cada vez mais multicultural.

Referências

- Aberson, C. L., Shoemaker, C., & Tomolillo, C. (2004). Implicit Bias and Contact: The Role of Interethnic Friendships. *Journal of Social Psychology, 144*(3), 335-347.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Porto: Edições 70.
- Berry, J. W. (2001). A psychology of immigration. *Journal of Social Issues, 57*(3), 615-631.
- Berry, J. W., Poortinga, Y.H., Segall, M.H., & Dasen, P.R. (2002). *Cross-Cultural Psychology: Research and Applications*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Castro, V. S. (2003). *Acculturation and psychological adaptation*. Westport: Greenwood Press.
- Fazito, D., & Rios-Neto, E. L. G. (2008). Emigração internacional de brasileiros para os Estados Unidos: as redes sociais e o papel de intermediação nos deslocamentos exercido pelas agências de turismo. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais, 25*, 305-323.
- Flick, U. (2009). *Introdução à Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Fong, E., & Isajiw, W. W. (2000). Determinants of friendship choices in multiethnic society. *Sociological Forum, 15*(2), 249-271.
- Franco, M. L. P. B. (2008). *Análise do Conteúdo*. Brasília: Liber Livro Editora.
- Fusco, W. (2009). Migração e Redes Sociais: a distribuição de brasileiros em outros países e suas estratégias de entrada e permanência. In Fundação Alexandre de Gusmão (Org.), *I Conferência sobre as Comunidades Brasileiras no Exterior – Brasileiros no Mundo: Textos* (pp. 259-278). Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão.
- Haug, S. (2003). Interethnische Freundschaftsbeziehungen und Soziale Integration: Unterschiede in der Ausstattung mit sozialem Kapital bei jungen Deutschen und Immigranten. *Kölner Zeitschrift für Soziologie und Sozialpsychologie, 55*(4), 716-736.
- Hinde, R. A. (1997). *Relationships: A Dialectical Perspective*. Hove: Psychology Press.
- Hunter, L., & Elias, M.J. (1999). Interracial friendships, multicultural sensitivity, and social competence: How are they related? *Journal of Applied Developmental Psychology, 20*(4), 551-573.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011). *Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

- Kao, G., & Vaquera, E. (2006). The Salience of Racial and Ethnic Identification in Friendship Choices Among Hispanic Adolescents. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences, 28*, 23-47.
- Kashima, E. S., & Loh, E. (2006). International students' acculturation: Effects of international, conational, and local ties and need for closure. *International Journal of Intercultural Relations, 30*(4), 471-485.
- Kugele, K. (2006). Junge Global Nomads und ihre Freundschaften. Auswirkungen des Aufwachsens in mehreren Kulturen auf Erleben und Verhalten in Freundschaftsbeziehungen. *Gruppendynamik und Organisationsberatung, 37*(2), 155-172.
- Lisboa, T. K (2007). Fluxos migratórios de mulheres para o trabalho reprodutivo: a globalização da assistência. *Estudos Feministas, 15*(3), 805-821.
- Ministério das Relações Exteriores (2011). *Brasileiros no Mundo: Estimativas*. Brasília: Ministério das Relações Exteriores.
- Siqueira, S., Assis, G.O., & Campos, E.C. (2010). As redes sociais e a configuração do primeiro fluxo emigratório brasileiro: análise comparativa entre Criciúma e Governador Valadares. In J. L. N. Abreu & H. S. Espindola (Orgs.), *Território, sociedade e modernidade* (pp. 197-239). Governador Valadares: Univale.
- Soares, W. (2002). *Para Além da Concepção Metafórica de Redes Sociais: fundamentos teóricos da circunscrição topológica da migração internacional*. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Ouro Preto, MG.
- Tsai, J. H. C. (2006). Xenophobia, ethnic community, and immigrant youths' friendship network formation. *Adolescence, 41*(162), 285-298.
- Verkuyten, M., & Martinovic, B. (2006). Understanding multicultural attitudes: The role of group status, identification, friendships, and justifying ideologies. *International Journal of Intercultural Relations, 30*(1), 1-18.
- Vorauer, J.D., & Sakamoto, Y. (2006). I Thought We Could Be Friends, but.... Systematic Miscommunication and Defensive Distancing as Obstacles to Cross-Group Friendship Formation. *Psychological Science, 17*(4), 326-331.
- Ward, C., Bochner, S. & Furnham, A. (2001). *The Psychology of Culture Shock*. Hove: Routledge.